

Joyce para o terceiro milénio: Um relato semi-académico (A propósito do XVII International James Joyce Symposium)

O *International James Joyce Symposium*, que desta vez se realizou no Goldsmith's College da Universidade de Londres, reúne de dois em dois anos e é sempre uma boa mostra das últimas tendências da crítica literária. É que a Joyce, tal como a Shakespeare, qualquer trapinho fica bem e nada melhor que um *top-writer* para os criadores de andrajos exibirem as novas colecções. Assim desfilou Joyce, a várias luzes e vozes, visto de perto ou de longe, ao centro ou na periferia, mais descoberto ou mais encoberto, mais sóbrio ou mais extravagante, mais popular ou mais erudito, mais ousado ou mais pudico. Joyce de cartola, Joyce de tanga, Joyce de véu, de chifres, de auréola, Joyce de corpete e ligas, de batina, de ténis, de casaca, e até Joyce «nu e cru», como se a verdade não fosse múltipla e emaranhada e como se a ilusão do puro, do não mediado, do original, do genuíno, do científico não tivesse sido obsessivamente construída e desconstruída pelo autor de *Finnegans Wake*.

Mas é bom que se recomece esta notícia de forma mais pura e genuinamente académica. Quer o presente relato dar conta das linhas críticas gerais encontradas neste XVII International James Joyce Symposium (24-30 de Junho de 2000) e reflectir brevemente sobre os possíveis rumos futuros dos estudos literários.

Ainda que possa prenunciar-se um claro «regresso ao texto» e uma menor incidência de leituras exclusivamente «culturais», tornou-se inviável conceber os estudos literários fora de uma perspectiva comparativista. Longe da análise positivista e «isenta» de uma obra, de um autor ou de determinado aspecto estético, estilístico ou semântico, longe também do cotejo estritamente textual de duas obras ou de dois autores ou do convencional estudo de influências, a moderna comparatística é para ser levada à letra e para se cumprir no espírito. Fala de intertextualidade, de confronto, de imitação, de *genetic criticism*, de estudo das fontes. Fala de iluminação recíproca de autores, de linguagens e de contextos. Questiona-se. Fala de versões e de traduções, de transposição de fronteiras, de abolição de compartimentos estanques, de *zapping* textual, linguístico e cultural. E o ar que se respira, a nova hegemonia, é quase tão dependente das fronteiras que franqueia como dos novos feudos que vai criando. Porque, afinal, ninguém é tão nómada quanto se julga, nem tão sedentário quanto se reivindica, apesar do sari, da capulana, da gravata, dos ténis ou do kimono – pinturas de guerra com que todos vamos circulando nestes congressos.

Num simpósio dedicado a um autor que tão bem espelhou, criou e transcendeu o espírito deste tempo, não é de estranhar que a questão das identidades e das identificações tenha continuado a ser o grande denominador comum. As sucessivas tentativas de reordenamento do território identi-

tário, a reflexão sobre o caos gerado pela abolição das antigas fronteiras e pela contínua formação e fragmentação de novos feudos que acabou por dominar o Congresso nas suas opções críticas e de leitura, é também aquilo de que nos foi – e de que nos vai – falando Joyce: primeiro, através das seguras margens fluviais dos *Dubliners*, depois, pelo *Portrait* adentro até às areias movediças e às praias de *Ulysses* e, por fim, de mergulho, no mar aparentemente infinito, indiferenciado e transfronteiriço de *Finnegans Wake*.

Mas vou aqui servir-me de um dos livros lançados no Simpósio para exemplificar a fluidez identitária que invadiu os estudos culturais joycianos. Agora numa fase já adulta, os estudos culturais parecem ter abandonado alguma rigidez «panfletária» e assentado arraiais no reino do «semi», dando prioridade a uma salutar perplexidade perante os textos, manipulando os conceitos com maior flexibilidade, destreza e perspicácia, sem prescindir da tríade *gender, race and class*. A colectânea de ensaios a que aqui me refiro e que reúne alguns dos nomes mais significativos da *Joyce Industry* nesta área, congrega, entrecruzados e mutuamente contaminados, o que eram até há bem pouco tempo departamentos relativamente bem delimitados e circunscritos, como os estudos pós-coloniais, os estudos irlandeses e os *gender studies*. O cosmopolitismo, o transculturalismo, o transnacionalismo, a masculinização da mulher, a construção da masculinidade, a feminização do subalterno ou ainda a recém-descoberta ambivalência irlandesa do *neither fish nor flesh* têm lugar cativo e recorrente neste volume intitulado *Semicolonial Joyce* (organizado por Derek Attridge e Marjorie Howes (Cambridge UP, 2000). O título – a lembrar lusas semiperiferias – é inspirado num passo de *Finnegans Wake* que vale a pena aqui citar e brevemente comentar: «Gentes and laitymen, fullstoppers and semicolonials, hybreds and lubberds!» (FW 152.16). As oposições binárias

aqui articuladas e rearticuladas de forma delirante mas precisa e eloquente espelham o «estado da arte» e colocam em cima da mesa o dossier das identidades. No primeiro par (homens e mulheres; gentios e leigos) temos, convenientemente miscigenadas e renegociadas, as identidades sexual, religiosa e rácica, com os gentios a denotar a não pertença à raça escolhida (na tradição judaica) e os leigos a denotar a não pertença ao clero (na tradição cristã). No segundo par, as questões formais e textuais indissociáveis das políticas: os *stoppers*, habitantes temporários de um país colonizado, a quem o ponto final (*full stop*) confere permanência, e os *colonials*, habitantes permanentes de um país colonizado, a quem o semi do ponto e vírgula (*semicolon*) confere mobilidade. No terceiro e último par, a alusão a *highbrow* e *lowbrow*, distinção cultural, a *high bred*s e *low bred*s, distinção social, de classe, de educação, de nacionalidade ou de raça, e, para rematar, a *hybrids* e *lubbers*, híbridos e labregos, a dispensarem comentários – aqui de braço dado com os implícitos «meninos e meninas» a quem estes e outros circos, divulgados ao povo e contados às crianças, acabam sempre por tentar cativar. O público, o povo, as crianças, essa híbrida amálgama de insondáveis *hybrids* e *lubberds* foi, de resto, uma preocupação recorrente para quem participou nas quatro sessões da oficina *Hypertexting Joyce's «Ulysses»*, destinada a prosseguir o trabalho já iniciado pela equipa dirigida por Michael Groden, com vista a publicar uma versão informática de *Ulysses*. Que referências, que alusões explicitar? Que documentos históricos, geográficos, iconográficos incluir? Para que público? Qual o perfil e a identidade do leitor médio? Para que tipo de crítica remeter? Estruturalista? Cultural? Feminista? Genética? Deveriam fornecer-se versões anteriores/alternativas do mesmo texto? Detalhes biográficos? Apontamentos ou esquemas elaborados por Joyce? Deveria chamar-se a atenção para a recorrência de determi-

nada expressão, palavra ou motivo ao longo da obra, remeter para páginas anteriores ou posteriores, para obras anteriores ou posteriores? As palavras/janela deveriam aparecer assinaladas no ecrã?

Semelhantes preocupações com o público e com o leitor médio vieram a lume no painel *Publishing Joyce and the Joyceans*, onde se debateram a existência, virtual, de um *people's Joyce*, a (in)viabilidade de um exemplar de *Ulysses* para as massas e as questões jurídicas e censórias relacionadas com a obscenidade do texto joyciano, do ponto de vista do leitor – e do censor – médios. A odisseia de *Ulysses* nos tribunais mereceu várias comunicações. O ensino e a tradução de Joyce despertaram também bastante interesse, sendo de assinalar a (ao que tudo indica excelente) tradução castelhana de *Ulysses* que o joyciano Francisco Garcia Tortosa irá brevemente publicar. Interessante foi também o debate sobre a previsível influência de várias perspectivas críticas, ideológicas, culturais, cronológicas no trabalho de tradução, aguardando-se hipotéticas versões conservadoras, pós-coloniais, feministas, etc., das obras de Joyce.

Entretanto, na sala ao lado ou algures num claustro perdido, alheios às massas mas lendo – e provavelmente rezando – por elas, laboriosos monges wakianos contemplavam versões do *Work in Progress*, auto-flagelando-se num calvário de decifração perante uma obra hilariante que encoraja a leitura colectiva e recreiativa mas que, inexplicavelmente, lhes confere um ar de clausura e de sofrimento sábio, sério e ascético: «Are you a Wakist?», perguntavam pálidos

e beatíficos. E a porta fechava-se. *High Gossip*. É favor não incomodar.

À imagem e semelhança do patriarcal claustro, o núcleo feminista resolveu promover um almoço e, perante uma maioria e uma hegemonia claramente masculinas, reservar-se o direito de admissão. O painel *Communicating Joyce across Gender*, a comunicação de Brenda Maddox sobre a biografia de Nora Joyce, e a de Jolanta Wawrzycka sobre aspectos biográficos de Lucia Joyce foram os contributos mais interessantes. Presentes as «históricas» do feminismo pró-joyciano: Bonnie Kyme Scott e Suzette Henke.

Sem virar as costas a agendas culturais mas de forma dispersa e marcadamente «não alinhada», a nova geração de joycianos preferiu o confronto de autores e de linguagens: Joyce e Shakespeare, e Wilde, e Proust, e Nietzsche, e Benjamin, e Giordano Bruno, e Marx, e Vico, e Whitman, e Kerouac, e Don DeLillo, e Defoe, e Rushdie, e Frank McCourt. Pintura, Música, Cinema, Religião, Pornografia, Filosofia, Ciência e Cultura Popular. Da Filosofia, da Ciência, do Cinema e da Cultura Popular vieram os contributos mais interessantes e promissores. Para não variar, o domínio foi (e será) norte-americano. E ninguém precisa de se chamar David Lodge nem de perceber nada de *Mythametics* ou de *Aristmystic* para calcular o número de suculentos volumes para-literários e para-sociológicos que podem sempre escrever-se com o que não entra nestes relatos... Mas isso é *low gossip*, que é uma coisa muito feia. ■

Inês Pinto Basto